

A REVOLUÇÃO HAITIANA DE 1804

O Ano de 2004 marca o bicentário da proclamação da independência do Haiti pelo ex-escravo Jean-Jacques Dessalines, no dia 1 de Janeiro de 1804. A Revolução Haitiana foi o resultado de uma série de insurreições que começaram no Verão de 1789 na Martinica e perduraram em Guadalupe durante vários anos. Os colonos da Martinica prontamente decidiram solicitar a ajuda das forças inglesas para manter o status quo. A Guadalupe e a Guiana passaram por um breve período abolicionista (de 1794 a 1802), mas o escravagismo foi restabelecido pela força. Em Agosto de 1791, em Santo Domingo, a maior das colónias, teve início a grande insurreição dos escravos, que se estendeu durante vários anos.

Em 1796, Toussaint Louverture, primeiro negro a ocupar o cargo de general de divisão, era o chefe incontestável dos haitianos libertados. Napoleão Bonaparte restabeleceu o sistema escravagista nas colónias francesas em 1802 e enviou a Santo Domingo uma expedição de várias dezenas de milhares de soldados, sob o comando do General Leclerc. A expedição sofreu uma derrota total e humilhante.

Preso a 7 de Junho de 1802, Toussaint Louverture foi deportado para o forte de Joux em França, em França, onde morreu no dia 7 de Abril de 1803.

A partir de 1804, o Haiti, que seguia o seu destino de nação independente, inspirava medo às nações escravagistas, que levaram muito tempo a reconhecer a independência do país.

Este primeiro levante vitorioso de um povo de escravos negros é o símbolo do constante combate e resistência dos escravos contra a opressão, constituindo o factor histórico decisivo que deu origem à abolição da escravidão e à libertação dos povos das Caraíbas e da América Latina.

A Revolução Haitiana tem repercussões significativas nas actuais lutas contra o racismo, a dominação e a intolerância.



Insurreição em São Domingos em 1791 (A. B. de Souza)

Sector de Ciências Sociais e Humanas

Las secuelas del racismo y la discriminación. – El proyecto Coalición de Ciudades contra el Racismo

Dando prosseguimento à Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância conexa (Durban, África do Sul, 2001), a UNESCO elaborou e adoptou, na 32ª sessão da Conferência Geral em 2003, uma estratégia integrada contra o racismo e a discriminação (Resolução 32C/13). O seu objectivo específico é o aprofundamento dos conhecimentos sobre a evolução das discriminações herdadas do passado, nomeadamente as que estejam ligadas ao período da escravidão, por meio de trabalhos de investigação e de educação.

No âmbito desta estratégia, foram desenvolvidas as três actividades descritas abaixo:

1. Uma série de actividades, entre as quais workshops temáticos com jovens, foram organizadas em 21 de Março, *Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial*. Com o objectivo de contribuir para a comemoração da luta contra a escravidão e da sua abolição, o Sector de Ciências Sociais e Humanas reuniu, nesse dia, na Sede da UNESCO, várias centenas de jovens de diversas esferas sociais, para reflectir, juntos, sobre a relação entre preconceito racial e a herança da escravidão, através de debates e actividades culturais: teatro, espectáculo, curta-metragens.

2. Uma mesa redonda sobre "O humanismo dos direitos humanos diante da barbárie do tráfico negro" foi organizada durante o Fórum Mundial dos Direitos Humanos em Nantes (França), de 16 a 19 de Maio de 2004. Dentre os diversos crimes da história da humanidade, o tráfico negro é, sem dúvida, um dos únicos que, vários séculos depois do seu início, manifesta, ainda hoje, consequências tão significativas em quase todos os continentes: em África, onde os habitantes foram vítimas directas do comércio de seres humanos; nas Américas (do Norte, Central e do Sul), que foram o ponto de chegada de "carregamentos" transatlânticos; na Ásia, pelo menos na parte Médio-Oriental, onde desembarcaram numerosos cativos, objectos do tráfico de comerciantes árabes; na Europa, pelo menos Ocidental, que organizou e tirou proveito do tráfico para países do Atlântico e para algumas ilhas do Oceano Índico. Presidida pelo Sr. Doudou Diène, Relator Especial sobre o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância conexa no Alto Comissariado pelos Direitos Humanos das Nações Unidas, a sessão reuniu especialistas e personagens da sociedade civil, chegando às seguintes conclusões: é preciso quebrar o silêncio, a omissão que não enfatiza suficientemente

esta primeira globalização e a motivação comercial – capitalista – subjacente; é preciso lembrar que o combate contra a escravidão constitui um dos actos fundadores dos direitos humanos; é preciso ter em mente que o tráfico negro contribuiu largamente para o racismo, que continua a conturbar as relações humanas, tanto no plano nacional como internacional; é preciso ressaltar que o Código Negro francês, promulgado em 1685, confere uma base jurídica e, portanto, uma racionalidade aparente à prática condenável; é preciso retomar a história da resistência dos escravos, que nunca foram vítimas passivas, mesmo se os maus-tratos a que eram submetidos nem sempre lhes permitiam exprimir plenamente o seu desejo de libertação.

3. A coalizão internacional das cidades contra o racismo foi uma iniciativa lançada pelo Sector de Ciências Sociais e Humanas em Março de 2004, com o objectivo de estabelecer uma rede de cidades interessadas pela troca de experiências, com vistas a aprimorar as suas políticas públicas de luta contra o racismo e a xenofobia. Efectivamente, a luta contra o racismo requer a participação local, na medida do possível, dos verdadeiros protagonistas, inclusive das populações vítimas de discriminações. Esta é a razão pela qual a UNESCO definiu a cidade, principal centro de miscigenação étnica e cultural, como um espaço preferencial para organizar concretamente esta luta, e também porque as autoridades municipais, verdadeiras instâncias de decisão política no plano local, ocupam uma posição chave para impulsionar acções neste sentido. O objectivo final do projecto é fornecer às autoridades locais um programa operacional que possibilitará uma implementação mais eficaz dos diversos compromissos assumidos pelas cidades e pelos governos. Inicialmente, serão criadas coalizões em escala regional (África, América do Norte, América do Sul, Caraíbas, Estados Árabes, Ásia-Pacífico, Europa), com a finalidade de levar em consideração as especificidades e as prioridades próprias a cada região. Graças ao trabalho de coordenação de uma cidade designada como "chefe de fila", cada região disporá de um plano de acção específico. As cidades signatárias comprometer-se-ão, em seguida, a integrá-lo nas suas estratégias e políticas municipais. Para a região Europa, a cidade de Nuremberga foi designada para desempenhar esta função. Nos dias 9 e 10 de Dezembro de 2004, foi organizada nesta cidade a Quarta Conferência Europeia de Cidades para os Direitos Humanos. Nesta ocasião, a UNESCO propôs o lançamento oficial, sob a sua égide, da *Coalizão Europeia das Cidades contra o Racismo*. Preparado por especialistas, um Plano de acção constituído de dez pontos foi discutido e proposto como uma das medidas capazes de assegurar o respeito da Carta Europeia para a Protecção dos Direitos Humanos na Cidade. Entre os pontos definidos

O trabalho intersectoral na UNESCO

A coordenação da comemoração deste *Ano Internacional* foi assegurada, no seio do Sector de Cultura, pela Divisão de Políticas Culturais e de Diálogo Intercultural, Secção História e Cultura. Todavia, o *Ano 2004* constituiu uma oportunidade para evidenciar a sinergia existente com os demais Sectores do programa. Assim sendo, os outros sectores da UNESCO – Ciências Sociais e Humanas, Educação, Comunicação e Centro do Património – colaboraram com o trabalho e lançaram diversas actividades no âmbito do Ano 2004.

■ Sector de Educação

"Romper o Silêncio"

O Ano 2004 teve um impacto particular sobre a Rede do Sistema de Escolas Associadas da UNESCO (RedePEA), com o projecto de integração do estudo do tráfico negro transatlântico, intitulado "Romper o Silêncio". O projecto foi implementado com a colaboração da equipa de *A Rota do Escravo* e, desde o seu lançamento, em 1998, conta com o apoio da Noruega. A prioridade do projecto foi enfatizar a importância de introduzir o estudo do tráfico negro transatlântico (TST) nos programas do ensino secundário, com o auxílio dos recursos educativos do século XXI. Traduziu-se pela mobilização de todas as escolas da rede (7.600 estabelecimentos em 175 países) por ocasião da comemoração do *Ano Internacional de Luta contra a Escravidão e da sua Abolição*, assim como pela preparação de material didáctico inovador e a realização de workshops destinados a aprimorar as competências profissionais dos professores, com vistas a uma melhor qualidade do ensino das causas e das consequências da escravidão.

Entre os relatórios da CNN sobre o projecto TST, um site Web redefinido (www.unesco.org/education/asf); um novo livreto, calendários com pôsteres temáticos destinados a todas as escolas da rede de associações, uma síntese de informações enviada regularmente por via electrónica, a publicação de artigos no boletim de informação da ASPnet e a participação em

exposições temáticas em Paris e Genebra mostraram que o projecto de ensino sobre a escravidão estava a ser bem desenvolvido nas cem escolas das três regiões (Europa, África e Américas) pioneiras do projecto, para além da rede ASP. *A escravidão, ontem e hoje* foi o tema escolhido para a edição 2004 do projecto de comunicação *O nosso tempo*, encontro anual destinado a uma centena de alunos e aos seus professores, organizado graças à colaboração de uma ONG holandesa, *E-ling*, em 26 de Novembro.

Em 2004, três encontros internacionais sobre o projecto TST foram organizados em países dos oceanos Atlântico e Índico. O projecto de educação sobre o ensino do tráfico negro no Oceano Índico, iniciativa associada ao TST, realizou o seu terceiro seminário de formação sobre as causas e as consequências do tráfico negro no Oceano Índico (8-12 de Março em Maputo, Moçambique). Após os workshops regionais realizados na Ilha da Reunião e na África do Sul (em 2000), os historiadores, especialistas e professores da rede de sete países do Oceano Índico elaboraram, durante um seminário-workshop, um plano de acção bial para o projecto.

Com vistas à preparação de um Fórum internacional de jovens para o encerramento do *Ano 2004*, os coordenadores nacionais do projecto TST e os professores e alunos das três regiões abrangidas pelo projecto consolidaram, durante um seminário internacional sobre o tráfico transatlântico realizado em Oslo (Noruega), de 24 a 27 de Maio de 2004, as ideias e propostas apresentadas nos três fóruns de jovens realizados no final de 2003 em Copenhaga (Dinamarca), Cotonou (Benin) e Bridgetown (Barbados).

O Fórum internacional de jovens foi, sem dúvida, o ponto culminante do Ano relativamente ao projecto TST. Programado de 12 a 16 de Novembro de 2004 em Trinidad e Tobago, sob os auspícios do Ministério francês da Educação e da Comissão Nacional para a UNESCO deste país, o fórum reuniu especialistas, professores e alunos de mais de 20 países das três regiões. Além da Declaração dos Jovens, um dos principais resultados do fórum foi a finalização de *Raça contra Racismo*, campanha internacional promovida pelas escolas contra o racismo e a escravidão moderna, cujo lançamento foi previsto para o início de 2005.

23 DE AGOSTO, DIA INTERNACIONAL DA LEMBRANÇA DO TRÁFICO NEGRO E DA SUA ABOLIÇÃO

O dia 23 de Agosto foi escolhido pela 29ª sessão da Conferência Geral da UNESCO como o *Dia Internacional da Lamentação do Tráfico Negro e da sua Abolição*. Foi, com efeito, na noite de 22 a 23 de Agosto de 1791 que eclodiu, na ilha de Santo Domingo, a insurreição que conduziria, sob a liderança de Toussaint Louverture, à primeira vitória decisiva de escravos contra os seus opressores na história da humanidade. A comemoração de 23 de Agosto deste *Ano 2004* foi marcada por diversas manifestações organizadas em várias regiões do mundo. Na Sede da UNESCO, foi aberta ao público, de 9 a 23 de Agosto, a exposição "Texturas", emprestada pela cidade de Schoelcher, na Martinica, e composta de 32 quadros realizados por artesãos da cidade de Abomey (República de Benin) que representam a história do tráfico transatlântico. Actividades co-organizadas com colegas dos sectores de Ciências Sociais e Humanas e de Educação, assim como com organizações não governamentais – como a Associação Reunionense de Comunicação e Cultura (ARCC), o Comité Marcha do 23 de Maio de 1998, o Centro de Informação, Formação, Investigação e Desenvolvimento (CIFORDOM), etc. –, ilustraram com brilhantismo a diversidade de expressões artísticas resultantes do encontro forçado entre as populações. Artistas como D' Kabal e Solal Valentin exprimiram, através do Slam (palavras ritmadas) e de poemas, a ira das novas gerações, retratando a dor dos seres reduzidos ao nada. Um dos momentos mais fortes do espectáculo foi, sem dúvida alguma, o concerto "Músicas e percussões haitianas", do conjunto Adjabel, que cantou a esperança dos encontros entre as culturas e as promessas das sociedades multiétnicas. A projecção do filme *Sankofa*, de Haile Gerima, sobre o tráfico negro, encerrou esta Jornada de 23 de Agosto de 2004.

No Panamá, o Subdirector Geral da Cultura, Sr. Mounir Bouschenaki, participou nas *Jornadas de sensibilização contra a escravidão e sobre o seu impacto na sociedade actual*, enfatizando, para as populações da América Central, a importância do projecto *A Rota do Escravo* e do *Ano 2004*. O fato de trazer à luz a situação de marginalidade vivida por pessoas de ascendência africana e/ou as suas comunidades foi um dos principais objectivos deste encontro.

No Haiti, o Presidente da Conferência Geral, Sua Excelência o Embaixador Michael Omolewa, por convite do Ministro da Cultura, representou a UNESCO no dia 23 de Agosto, em Port-au-Prince, quando do acendimento da flama eterna no Monumento de "Neg Mawon" (marrom fugitivo), obra do artista e arquitecto haitiano Albert Mangonès, símbolo da liberdade e da independência em todos os países das Caraíbas.

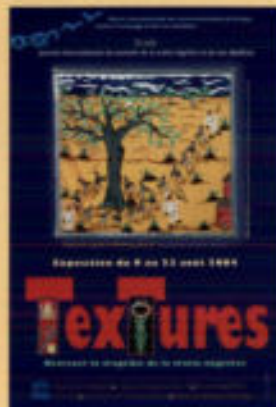
A Comissão Nacional da República Democrática do Congo para a UNESCO consagrou duas semanas, de 20 de Agosto a 2 de Setembro de 2004, à comemoração do Dia da Lamentação, organizando uma exposição e várias conferências-debates nas escolas e nos estabelecimentos de ensino superior de Kinshasa.

O Escritório da UNESCO em Dacar, a Câmara Municipal de Gorée e o *Comité especialmente criado para a organização do projecto Celebra a Luta contra a Escravidão e a sua Abolição* trabalharam de maneira particularmente activa para a comemoração de 23 de Agosto. Primeiramente, pela diversidade das actividades (concerto, música, caminhada pela lembrança, peregrinação à Casa dos Escravos, vernissage de exposição, projecção de filme), mas também pela mobilização da população e dos parceiros.



Se. Kaba Mawon, Presidente Geral da UNESCO, no dia 23 de Agosto 2004.
© UNESCO/Michel Kaba Mawon

Cartaz da exposição "Textures", tapeçarias reais de Abomey, Benin



A EXPOSIÇÃO ITINERANTE "DEVER DE MEMÓRIA: O TRIUNFO SOBRE A ESCRAVIDÃO"

A exposição foi elaborada em três versões (francês/inglês, inglês/espanhol e inglês/português), pelo Centro Schomburg de Investigação sobre a Cultura Negra e pela Biblioteca Nacional de Nova York, em estreita colaboração com a equipa do projecto *A Rota da Escravidão*, da UNESCO, com o objectivo de apresentar uma proposta conforme à resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas de proclamar 2004 *Ano Internacional para Celebrar a Luta contra a Escravidão e a sua Abolição*. A exposição apresenta as práticas culturais, políticas, económicas e sociais dos escravos africanos adquiridas durante o período desumanizador da escravidão.

A sua singularidade reside no facto de não colocar propriamente a ênfase na "vitimização" dos escravos, mas nos recursos inéditos que eles desenvolveram para reorganizar o seu destino e o seu lugar na História. Destes encontros forçados nasceram novas expressões culturais, religiosas, linguísticas e sociais, das quais restam, hoje, numerosos elementos nas culturas dos países em questão. Para além disso, a Exposição constitui uma prova do enorme impacto económico do tráfico negreiro sobre o desenvolvimento da Europa e das Américas, evidenciando, ao mesmo tempo, as consequências desastrosas deste tráfico sobre a vida económica, política e social de África. De carácter itinerante, a exposição já foi acolhida por alguns países e continuará a circular em África, na Europa, nas Caraíbas, nas Américas e no Oceano Índico, depois de findo o ano de 2004:

Abel-Junho:	Santo Domingo (República Dominicana)
Maio-Julho:	Nassau (Bahamas)
Maio-Junho:	Maputo (Moçambique)
Julho-Setembro:	Brasília (Brasil)
Julho-Agosto:	Dacar (Senegal)
1-20 de Outubro:	Genebra (Suíça)
1-25 de Outubro:	Santa Lúcia
26 de Outubro-19 de Novembro:	Estocolmo (Suécia)
25 de Novembro-15 de Dezembro:	Paris (França)
10-24 de Dezembro de 2004:	Nova York (Estados Unidos)
25 de Dezembro-7 de Fevereiro de 2005:	Port-Louis (Maurício)
15 de Novembro-31 de Janeiro de 2005:	Laundê (Camarões)
25 de Novembro-17 de Dezembro:	Helsínquia (Finlândia)
25 de Novembro-20 de Fevereiro de 2005:	Joanesburgo (África do Sul)

responsáveis pela luta contra o tráfico humano (representantes de governos ao nível local, chefes religiosos e comunitários, organizações internacionais, ONG), por ocasião de seminários sub-regionais e nacionais organizados em Setembro de 2005 na África Ocidental (Benin, Nigéria, Togo) e na África Austral (Lesoto, Moçambique, África do Sul), em cooperação com os escritórios regionais da UNESCO (Bamako e Windhoek). Estes seminários terão por objectivo avaliar as necessidades

locais e testar os relatórios encomendados pela UNESCO sobre o tráfico nas sub-regiões e as recomendações políticas que eles contêm.

CONTACTO:

Saori Terada (s.terada@unesco.org)
www.unesco.org/whs/humantrafficking

Luta contra as formas contemporâneas de escravidão

A proposta da UNESCO para combater o tráfico de seres humanos

O tráfico de seres humanos é geralmente definido como o comércio ilegal de seres humanos mediante captura, ameaça ou uso de violência, engano, fraude ou "venda" para fins de exploração sexual ou trabalhos forçados. Este tráfico constitui, portanto, uma nova forma de escravidão, pois os traficantes exercem um direito de propriedade sobre vítimas subjugadas, com o objectivo de assegurar um rendimento proveniente do trabalho das suas vítimas. Este tráfico moderno não requer navios negreiros, nem correntes ou ferros. É realizado com a falsificação de passaportes, de passagens aéreas e de contratos de trabalho, e com o suborno de agentes de controlo de fronteiras. Mas o fundo do problema permanece: trata-se de uma violação dos direitos humanos e da dignidade humana. Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM), milhões de pessoas, na maioria mulheres e crianças, são vítimas deste tipo de tráfico. Este fenómeno concerne todos os países e contribui para o forte desenvolvimento de um outro tipo de tráfico: o comércio de órgãos humanos.

No âmbito do "Projecto para combater o tráfico de pessoas em África", a UNESCO busca elucidar os motivos do tráfico humano e prestar assistência aos países africanos na elaboração de respostas políticas apropriadas. O projecto abrange seis países-piloto repartidos em duas sub-regiões africanas: África Ocidental (Togo, Benin, Nigéria) e África Austral (Lesoto, Moçambique, África do Sul). Na luta contra este fenómeno, a UNESCO, em conformidade com a sua missão, prioriza uma abordagem multidisciplinar susceptível de compreender as dimensões históricas, legais, políticas e socioculturais do tráfico humano.

Em 2004, as actividades do projecto consistiram em investigações efectuadas nestes seis países sobre os factores que favorecem o tráfico humano, bem como na formulação de respostas políticas a este problema.

Estes estudos têm revelado que, contrariamente ao tráfico negreiro, que, na maioria das

vezes, era o resultado de investidas legalizadas e até subvencionadas pelos Estados escravagistas, a escravidão moderna é sobretudo uma decorrência da pobreza e da falta de informação. Factores socioculturais intervêm igualmente neste processo de desapossamento. Assim, os traficantes exploram crenças e práticas tradicionais, como rituais vodu, para subjugar as suas vítimas. Utilizam também antigas rotas da escravidão e relações de dominação decorrentes do tráfico histórico para organizar o seu comércio. Da mesma forma, a discriminação homens/mulheres, que persiste em algumas sociedades, contribui para a vulnerabilidade das mulheres diante deste negócio desumano.

Perante a realidade multidimensional do tráfico, a UNESCO contribui para a elaboração de respostas culturalmente apropriadas em acções de carácter tanto preventivo como repressivo. Na região do alto Mekong, por exemplo, a UNESCO participa na produção e difusão de novelas nas emissoras de rádio locais, com mensagens sobre os perigos deste tráfico nos idiomas das minorias que formam os grupos sociais mais vulneráveis. A UNESCO recomenda igualmente que a comunidade internacional ratifique e aplique os instrumentos normativos internacionais existentes, com vistas à prevenção do tráfico de seres humanos e à protecção das suas vítimas. O protocolo adicional à Convenção das Nações Unidas contra a criminalidade organizada transnacional, que visa a prevenir, reprimir e sancionar o tráfico de seres humanos, em particular de mulheres e crianças, assim como a Convenção Internacional sobre os direitos dos trabalhadores migrantes e dos membros das suas famílias, constituem, ambos, os instrumentos normativos mais importantes no combate a este flagelo. A UNESCO empenha-se igualmente em identificar as práticas positivas neste combate, a fim de proporcionar inspiração aos principais responsáveis pela luta contra o tráfico humano. A entidade publicou recentemente uma reflexão analítica sobre as melhores práticas, em África, em matéria de luta contra o tráfico, sobretudo de mulheres e de crianças. O documento está disponível on-line no site Web do projecto (www.unesco.org/ahs/humantrafficking_A_Publications).

A UNESCO partilhará estas informações e recomendações políticas com os principais

PRÉMIO UNESCO-TOUSSAINT LOUVERTURE

O Prémio UNESCO Toussaint Louverture foi proposto ao Director Geral da UNESCO em Fevereiro de 2003, pelo Sr. Wesner Emmanuel, Embaixador Representante permanente do Haiti junto da UNESCO. A iniciativa, que posteriormente recebeu o apoio dos seus colegas Embaixadores Representantes permanentes das Filipinas e da República do Congo junto da UNESCO – o Sr. Hector K. Villarroel, em nome do Grupo dos 77, e o Sr. Antoine Ndinga Oba, Presidente do Grupo Africano da UNESCO –, foi objecto da Resolução 32 C/35 sobre a Proclamação de 2004 como *Ano Internacional para Celebrar a Luta contra a Escravidão e a sua Abolição*.

O Prémio recebeu o nome de um ex-escravo liberado, que foi igualmente o primeiro negro a ocupar o cargo de General de divisão, um herói da Independência do Haiti e o símbolo da luta contra a escravidão e a discriminação racial. A Revolução Haitiana de 1804 reveste uma importância universal por ter sido a primeira insurreição de escravos vitoriosa, abrindo a porta à emancipação dos escravos nas Américas e aos movimentos de libertação em África.

Destinado a recompensar uma actividade excepcional que – em conformidade com o espírito e a acção de Toussaint Louverture – tivesse contribuído para lutar de maneira duradoura contra o racismo nas áreas política, literária e artística, o Prémio foi atribuído uma única vez em 2004, quando da cerimónia de Encerramento do *Ano para Celebrar a Luta contra a Escravidão e a sua Abolição*. É constituído de um diploma e de uma medalha cunhada especialmente para esta ocasião pela Casa da Moeda de Paris, com a efígie de Toussaint Louverture.

No dia 3 de Dezembro de 2004, este Prémio foi entregue, no Auditório da UNESCO, em Paris, pelo Director Geral Adjunto, Sr. Marcio Barbosa, em nome do Director Geral, a dois vencedores:

SR. ABDIAS DO NASCIMENTO:

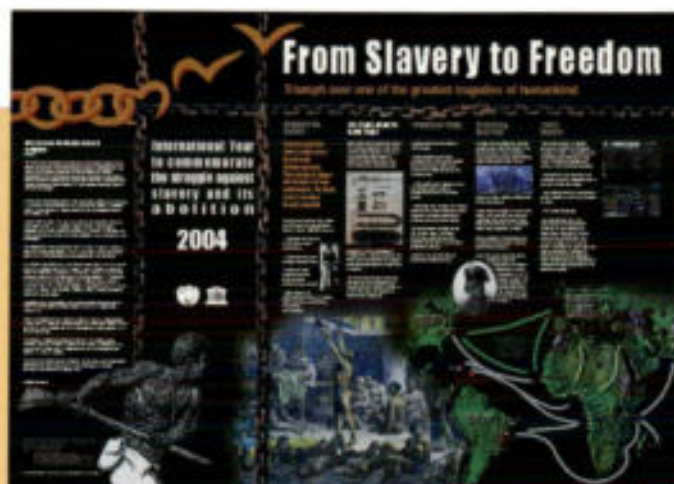
Homem de teatro, dramaturgo, pintor e activista, primeiro afro-brasileiro eleito para a Câmara dos Deputados, posteriormente Senador, tendo como missão específica a defesa dos Direitos Humanos e dos direitos civis da população afro-brasileira. O Sr. do Nascimento declarou-se muito emocionado em receber o Prémio Toussaint Louverture: "Só posso receber este prémio em nome de todos os descendentes negros, que são numerosos na América Latina". Na oportunidade, homenageou a resistência das populações indígenas e dos afro-descendentes das Américas contra todas as operações de genocídio do período da colonização.

SR. AIMÉ CÉSAIRE

(da Martinica, via videoconferência):

Escritor, poeta, pai da noção de "negritude", em reconhecimento pelo compromisso assumido através da sua obra em favor da luta contra a dominação, o racismo e a intolerância: "Não podemos esquecer a nossa dívida para com o Haiti. A nossa libertação deve-se em grande parte a este povo, que lutou pela libertação de toda a América do Sul... Fico feliz em saber que, ao pensar em mim, os Senhores tenham pensado em evocar a memória de Toussaint, pois o seu nome está associado a uma concepção universal e anti-racista dos direitos humanos e do cidadão", declarou.

O Prémio foi recebido, no seu nome, por Claude Lise, Senador e Presidente do Conselho Geral da Martinica.



A ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO

Um dos pontos fortes de 2004, *Ano Internacional para Celebrar a Luta contra a Escravidão e a sua Abolição*, foi o desenvolvimento, a partir de 2003, de uma estratégia de Comunicação através da qual foi possível dar uma boa visibilidade ao conjunto e preparar a comunidade internacional para este evento. Em prosseguimento ao processo de consulta junto dos Estados membros, das ONG e da comunidade científica, uma lista de todas as actividades previstas na Sede pelos diversos sectores foi igualmente elaborada e enviada a todos os escritórios regionais.

A fim de conferir uma identidade visual à comemoração, foi lançado um pedido de propostas junto de vários parceiros, com vistas à criação de um logotipo. A versão escolhida, concebida por um grupo de jovens (Stéphane Réhillon e Elodie Jarret), representa os elos de uma corrente que se rompe, dando origem a um voo de pombas.

Entre os documentos de comunicação produzidos durante este Ano, figura um vídeo clip de quatro minutos sobre a escravidão, as suas consequências e as abolições. Produzido pela UNESCO e realizado por John Lawton (versões em francês, inglês, espanhol e português), foi enviado a todos os escritórios regionais da UNESCO, nos formatos VHS e Betacam, para reprodução e difusão junto dos Estados membros, tendo sido igualmente projectado e apresentado durante eventos importantes que marcaram o Ano 2004.

O cartaz do Ano também foi produzido em vários idiomas e largamente difundido. Concebido como um instrumento didáctico, apresenta, sobre um fundo ilustrado com imagens fortes, um concentrado histórico do tráfico negreiro, da escravidão e dos processos de abolição. As Escolas Associadas publicaram um cartaz-calendário com os eventos que marcaram o *Ano para Celebrar a Luta contra a Escravidão e a sua Abolição*. O calendário foi enviado às 7.500 Escolas Associadas, espalhadas por 172 países.

Um livro para crianças ilustrado a ser colorido: "A vida de Toussaint Louverture", em três versões: francês/créole; inglês/espanhol; inglês/créole, foi amplamente distribuído.

Cartaz produzido por ocasião da comemoração do Ano Internacional para Celebrar a Luta contra a Escravidão e a sua Abolição, da UNESCO. A Rota do Escravo.

o principal catalisador para despertar ou renovar o interesse pelo tráfico negreiro e pela escravidão. Seja estimulando novos estudos e novos cursos de nível universitário e nas escolas ou novas exposições, programas públicos ou debates nas mídias. O projeto da Rota do Escravo foi uma força motora à travéz do mundo atlântico.

S. BACA: Se conseguíssemos que o projeto A Rota do Escravo da UNESCO fosse difundido em todas as camadas das nossas sociedades, o impacto seria extremamente forte e instrutivo. Com efeito, embora a humanidade recorde grandes episódios da história universal (essencialmente europeia), como a conquista do "Novo Mundo" e as duas guerras europeias, o sofrimento dos povos submetidos à escravidão nunca ocupou o primeiro plano na memória. Não obstante, foi uma imensa catástrofe, como o holocausto judeu, as cruzadas religiosas, as actuais guerras, o êxodo de cidadãos do Terceiro Mundo para países desenvolvidos em razão da falência das suas economias... O projeto da UNESCO promove também uma reflexão sobre esta realidade.



S. BACA
© ICAH

— Quais são, na sua opinião, as novas prioridades ou orientações que fariam com que o projeto atendessem melhor às expectativas do público?

C. TAUBIRA: Este projeto deixou uma marca indelével nas consciências. Transformou a representação que os cidadãos comuns tinham da UNESCO, até então inacessível à maioria das pessoas. Doravante, ele só terá razão de ser se reorientar a sua actividade para acções com forte capacidade de mobilização. Sem arrefecer o entusiasmo, sem eliminar a disparidade que alimenta a inventividade, deverá ser capaz de registar, de maneira duradoura, no cenário universal, em sítios eloquentes e por meio de actos originais e significativos, os panoramas culturais, educativos, artísticos, científicos e materiais que demonstrarem que a humanidade retomou plenamente as rédeas da sua história.

HOWARD DODSON: É necessário que o conhecimento sobre o tema se torne mais acessível ao mundo inteiro. O que significa mais exposições, fóruns, programas de rádio e de televisão. É também necessário produzir programas escolares e distribuí-los de modo tradicional e eletrónico. Enfim, é necessário realizar e levar ao conhecimento público mais estudos que dêem uma voz aos africanos escravizados.

S. BACA: Eu diria, por exemplo, que é necessário promover investigações e avaliações sobre a contribuição dos Africanos para as culturas do mundo, e que estas informações devem ser largamente compartilhadas e divulgadas. Que marcas deixou o escravo no seu caminho, quais foram as suas contribuições? O que aconteceu na América, quando o escravo encontrou o indígena, igualmente explorado e exterminado pela voracidade dos colonizadores? Divulgar, sempre e sempre, este capítulo da nossa história...

explica porque esta questão não é abordada nas salas de aula. Enfim, as mídias são também reticentes em tratar este tema.

S. BACA: As dificuldades que enfrentamos para divulgar este longo e doloroso processo são essencialmente relacionadas à ignorância colectiva, resultado da "invisibilidade" imposta pela história oficial. Devemos mencionar também o pouco interesse demonstrado pelos meios de comunicação acerca destes temas, e a reticência dos povos, em geral, a admitir que o passado não é feito apenas de vitórias, mas também de processos dolorosos. A história oficial suprimiu da nossa memória os acontecimentos, e esta história reprimida transforma-se em medo de enfrentar a verdade. É sempre assim.

— Como os superar?

C. TAUBIRA: Trata-se de um desafio que envolve a questão do poder em escala internacional. As resistências serão intensas, organizadas, duradouras. Para superar o principal obstáculo que defini há pouco, devemos pressupor que seja restabelecida a verdade sobre as civilizações, que seja reconhecida a igual dignidade das culturas e que sejam admitidos, avaliados e compensados os prejuízos sofridos. Significa uma transformação moral, uma profunda revolução económica, uma subversão política. Os povos descendentes do tráfico negro e da escravidão têm um papel a desempenhar. E não é através da lamentação que isto será feito. O único caminho é o do orgulho, da dignidade, da exigência de justiça e da fraternidade.

HOWARD DODSON: É necessário tornar mais agressivas as ações das instituições culturais, educativas e midiáticas com o propósito de romper o silêncio. Em Nova York, o Schomburg Center for Research in Black Culture colabora com a New York Historical Society para apresentar ao público duas exposições e programas para 2005 e 2006 sobre temas do tráfico negro e da escravidão na cidade de Nova York.

— Quais são, na sua opinião, as novas perspectivas que se abrem para que esta tragédia seja mais bem conhecida e para que seja reconhecido este crime contra a humanidade?

C. TAUBIRA: A Conferência Internacional contra o Racismo, a Xenofobia e a Intolerância, realizada em Durban em 2001, resultou, após um processo marcado por sofrimentos e mal-entendidos, numa Declaração final que reconhece a escravidão como crime contra a humanidade. O longo tempo necessário para que a ONU ratificasse esta declaração final reflecte a importância das reticências, das segundas intenções e das lutas de influência. Nesta

questão, a força da ONU é a soma da força dos Estados. O valor acrescentado da instituição em si parece pouco operacional e a relação de forças suscita antes pessimismo. É neste espaço de congregação dos Estados que podemos observar melhor, como através de uma lupa, a consciência e a memória selectiva que revelam uma abominável hierarquia nos sofrimentos humanos. Esta hierarquia está correlacionada a considerações culturais e geopolíticas. A França é a única ex-potência negra e escravagista a ter reconhecido este crime contra a humanidade. Nisto reside a sua grandeza. No entanto, os dirigentes franceses custam a aplicar as demais disposições estipuladas pela lei, nomeadamente a reforma dos programas escolares e a acção internacional. Nisto reside a sua desonra.

HOWARD DODSON: Uma apresentação honesta dos fatos, sem contudo acusar os contemporâneos. É importante colocar em relevo a dimensão económica do comércio de escravos sem no entanto ignorar a humanidade destes últimos. É da mais alta importância reconhecer a humanidade dos africanos sujeitos e a maneira humana e às vezes sobre-humana com que transcendiram sua condição durante a escravidão.

S. BACA: É possível que, através do conhecimento da verdade, consigamos criar um movimento mundial de vigilância e de respeito dos direitos humanos, para que a história não se repita nunca mais...

■ Sobre o projecto *A Rota do Escravo*

— Que impacto este projecto teve sobre o tratamento da questão do tráfico negro e da escravidão?

C. TAUBIRA: *A Rota do Escravo* foi um projecto engenhoso e generoso. Liberou uma energia fenomenal que a vergonha tritura e que a ignorância esfrelava. Destruziu mentalidades, desfez o complexo das vítimas, devolveu a confiança a milhões de pessoas que aprenderam a levar em conta os elementos históricos para compreender a injustiça de que eram vítimas há várias gerações. O projecto desencorajou dispositivos até então marginais, colocando em contacto e mobilizando círculos fechados (universitários, associativos, municipais, de cidadãos). Ele restabeleceu o equilíbrio e desprimiu a reflexão, permitindo a expressão do laço inconcebível e indizível de filiação: proclamar-se descendente de antepassados submetidos à escravidão.

HOWARD DODSON: É provável que mais que outros fatores, o projeto *A Rota do Escravo* foi

Por fim, uma brochura com a mensagem do Director Geral, o programa da comemoração e um resumo da história da escravidão e das abolições, intitulado *Lutas contra a escravidão/Struggles against Slavery*, amplamente ilustrada pelos arquivos iconográficos do projecto *A Rota do Escravo*, foi publicada em francês, inglês, espanhol e português, tendo sido largamente difundida.

No âmbito desta estratégia de comunicação, vários recursos foram utilizados simultaneamente, entre os quais o site Internet sobre o Ano 2004, que oferece diversas possibilidades para alcançar públicos variados. Através desta ferramenta de comunicação, é possível, por um lado, assegurar uma ampla difusão das informações relativas a este ano de comemoração e, por outro lado, integrar todos os demais recursos, tais como várias publicações, o logotipo do Ano, os cartazes e a exposição virtual. Como instrumento de comunicação de massa, o site tinha por missão colocar à disposição da população mundial as informações relativas ao projecto *A Rota do Escravo* e às actividades comemorativas da abolição da escravidão. A sua vocação era informar os internautas, a cada dia, sobre as actividades e os eventos organizados no mundo inteiro.

Durante cerca de dez meses, o site WEB sobre o Ano 2004 figurou entre os dez mais visitados do Sector de Cultura, de um total de mais de 200 sites operacionais. Foram contabilizados cerca de 8.000 visitantes por mês. O diálogo com os internautas, através das suas questões e das nossas respostas, revelou que a história do tráfico negro e da escravidão continua a ser um tema que suscita debates apaixonados e merece ser mais amplamente conhecido.

As actividades organizadas na sede da UNESCO e nos Estados membros, em colaboração com os escritórios fora da sede da organização, tiveram uma ampla cobertura mediática na imprensa nacional e internacional: *Le Soleil* de Dakar (Senegal); *Cameroun Tribune* (Camarões); *Le Mauricien* (Ilhas Maurício); *Le Monde*; *Cité Black*; *Amina*; *Libération*, *Le Figaro* (França); *El País* (Espanha); *O Globo*, *Jornal do Brasil* (Brasil).

As rádios (RFI, *Africa N°1*, *Média Tropical*, *RFO*, etc) e a televisão (FR3, jornais na televisão, etc) assim como páginas Web das redes Internet, incluindo a da organização (www.unesco.org) reflectiram as jornadas de encerramento.

O escritório de Informação pública da UNESCO (BPI) contribuiu amplamente a fazer da comemoração da luta contra a escravidão e sua abolição um acontecimento especial do ano 2004: publicação de comunicados de imprensa e suporte logístico às actividades de clausura do Ano. Um número especial do *Nôvo Correo* da UNESCO sobre o diálogo entre as civilizações consagrou uma dezena de páginas ao tráfico negro.

Fotografia de capa: © Betty Press/Peter Pictures, Londres

Opiniões

KOFI ANNAN

Secretário-Geral das Nações Unidas

"A escravidão foi a primeira violação dos direitos humanos a ser combatida em escala internacional; hoje, devemos permanecer atentos para que desapareça completamente. Nenhum ser humano é propriedade de outro".

DIRECTOR GERAL

Mensagem por ocasião do Ano Internacional para Celebrar a Luta contra a Escravidão e a sua Abolição (2004)

"O mundo conheceu, com o tráfico negreiro e a escravidão, uma das páginas mais trágicas da sua história. Este empreendimento de desumanização, contrário aos alicerces sobre os quais se fundamenta a Declaração Universal dos Direitos Humanos, unanimemente condenada pela comunidade internacional, em particular por ocasião da Conferência Mundial de Durban contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância conexa, que a qualificou de "crime contra a humanidade", exige uma reflexão e a vigilância de todos nós".

"Ao celebrarmos o bicentenário da primeira república negra e ao comemorarmos as grandes figuras do abolicionismo, não esqueceremos nem os eventos que o precederam em Santo Domingo, de 1791 a 1804, e que resultaram na libertação dos povos das Caraíbas e da América Latina, nem a história mais ampla e complexa das abolições da escravidão, uma história feita de generosos avanços filosóficos, políticos, jurídicos, culturais e sociais, mas também de trágicos retrocessos. O triunfo dos princípios de liberdade, de igualdade, de dignidade dos direitos da pessoa humana será assim evidenciado. Esta etapa fundamental da história da libertação dos povos e da emergência dos Estados das Américas e das Caraíbas deve ser mais bem conhecida e respeitada".

BONIFACE ALEXANDRE

Chefe de Estado haitiano
(23 de Agosto de 2004)

"Temos, todos nós, um dever de memória... A comunidade internacional tem um dever de solidariedade para com os países que foram vítimas do tráfico negreiro e da escravidão, qualificada de "crime contra a humanidade"... Hoje, o nome solidariedade significa ação".

HOWARD DODSON: Gostaria de sublinhar o sucesso extraordinário da exposição itinerante financiada pela UNESCO, *Dever de memória: o triunfo sobre a escravidão*, que a equipe do Centro Schomburg for Research in Black Culture e eu mesmo concebemos. As versões em quatro línguas (inglês, espanhol, francês e português) da exposição viajaram e foram apresentadas na Europa, na África, nos Estados Unidos, no Caribe e no Brasil. Ela foi bem recebida em todas as partes. Um público internacional pôde visitá-la na sede da UNESCO em Paris como nas Nações Unidas em Nova York. O Diretor Geral da UNESCO e eu próprio inauguramos esta exposição em Nassau, nas Bahamas. A exposição virtual (também em quatro línguas) foi acessível a todos graças à Internet.

S. BACA: No nosso país, o Peru, este ano foi igualmente marcado pelo processo de mudanças políticas de que todos têm conhecimento. Neste contexto, as associações de afro-peruanos organizaram mesas redondas e conferências, tendo lançado, ao nível local, várias iniciativas para promover a lembrança das abolições... Para uma mulher como eu, que participa activamente em reuniões nacionais e internacionais, a conferência de encerramento deste Ano, na sede da UNESCO, em Paris, teve um forte significado em termos de reflexão sobre estes factos históricos...

— *Que seguimento poderá ser dado a este Ano Internacional?*

C. TAUBIRA: O mínimo que exige um episódio da história humana tão longo, tão denso, tão complexo, tão doloroso e tão instrutivo como o tráfico negreiro e as suas abolições é uma periodicidade que corresponda à sua dimensão transcontinental e à sua significação universal. Seria justo que, a cada dez anos, fosse organizada uma grande comemoração, susceptível de unir a humanidade, de estimular a memória e reforçar o seu dever de vigilância.

HOWARD DODSON: *Dever de Memória*, a exposição itinerante é objeto de muita demanda nos países do mundo atlântico. Ela deveria continuar a viajar pelo menos durante dois anos. Trata-se de um instrumento muito eficiente para a sensibilização e a conscientização do público.

S. BACA: Seria muito importante que todos soubessem que esta comemoração não se limita a 2004. As informações que dela resultarem devem ser veiculadas de maneira permanente. Deveriam ser divulgadas nos planos nacional e regional, a fim de manter viva a memória, graças ao fluxo de comunicação sobre iniciativas similares a realizar

e a compartilhar – criando, por exemplo, um site Internet e outros recursos de acesso à informação, além de arquivos e publicações, que promovam a reflexão a partir da realidade histórica de cada país. Neste sentido, o livro de Olinda Celestino, *"Os Afro-andinos"* é, na minha opinião, muito importante.

Sobre o tráfico negreiro e a escravidão

— *Quais são, na sua opinião, os principais obstáculos para que se possa romper o silêncio sobre a história do tráfico negreiro e da escravidão?*

C. TAUBIRA: Parece-me que o único obstáculo que mereça ser considerado é a visão "eurocentralizada" do mundo. Todos os demais podem ser superados e são inerentes a toda acção. Mas enquanto a região do mundo que mais tirou proveito do tráfico negreiro e da escravidão, acumulando capital, promovendo o desenvolvimento científico e técnico, arrogando-se confortáveis prerrogativas nas relações, impondo a sua marca material, enquanto esta região do mundo a que chamamos Ocidente, que dispõe de um largo avanço na capacidade de divulgar os factos, o pensamento e a opinião que deles deveríamos ter, enquanto ela não se abeir para a diversidade do mundo que a precedeu e que a cerca, a desigualdade e a inexactidão perdurarão no conhecimento da História.

HOWARD DODSON: O medo, a vergonha e o sentimento de culpa dos descendentes africanos, europeus e americanos envolvidos no tráfico negreiro. Além do mais, a natureza controversa do tema



Howard Dodson, Director do Schomburg Center in New York

Entrevistas

Respostas de Christiane TAUBIRA, Deputada da Guiana na Assembleia Nacional francesa, de Howard Dodson, Director do Schomburg Center de Nova York e de Susana Baca, artista as questões relativas ao Ano Internacional, ao tráfico negro e à escravidão, bem como ao projecto *A Rota do Escravo*, da UNESCO:

Sobre o Ano Internacional 2004

— Na sua opinião, qual é o significado da comemoração da luta contra a escravidão e da sua abolição, proclamada pelas Nações Unidas?

C. TAUBIRA: O único texto oficial que contém uma definição da escravidão é a Convenção de 1926, aprovada pela Sociedade das Nações, que antecedeu à ONU. Neste texto encontra-se estipulado que a escravidão é o estado ou condição de um indivíduo sobre o qual se exercem, total ou parcialmente, os atributos do direito de propriedade. Desde a Segunda Guerra Mundial, todos os textos adoptados por esta organização internacional condenam a escravidão e o tráfico de seres humanos. Estava, pois, na hora de a ONU, através de um acto simbólico, decidir apelar para a consciência mundial. Este é o sentido do *Ano Internacional*. Um Ano que deveria ter sido proclamado antes, se levamos em conta as proporções tomadas pelo tráfico negro e pela escravidão, tanto em virtude das questões que coloca para humanidade sobre si própria, sobre os seus demónios e a sua ética, como pela influência que teve sobre a actual configuração do mundo. Foi proclamado um pouco tarde, é verdade. Mas é, no entanto, bem-vindo.

HOWARD DODSON: Houve uma grande sensibilização no mundo atlântico com respeito à tráfico transatlântico durante a comemoração do *Ano internacional da luta contra a escravidão e sua abolição*. Numerosos fóruns, exposições, conferências e outros eventos marcaram esta comemoração.

S. BACA: Para nós, artistas e investigadores, o facto de declarar 2004 o Ano de Comemoração dos 150 anos da abolição da escravidão despertou, nos círculos mais bem informados das nossas



Christiane Taubira
@ UNESCO, Michel Remond

sociedades, a reflexão sobre uma época da nossa história, e representou uma oportunidade para homenagear a memória de milhões de seres humanos vítimas deste crime hediondo que foi a escravidão...

— Houve actividades ou iniciativas significativas realizadas durante este ano que chamaram a sua atenção?

C. TAUBIRA: Fiquei impressionada sobretudo com a diversidade das iniciativas. Foram promovidas acções de envergadura e de influência variadas, sendo a maioria sob a responsabilidade da sociedade civil. Os Estados, de maneira geral, tiveram uma participação no evento muito aquém do esperado. Um trabalho magnífico foi realizado pelo Schomburg Center em Nova York. Mas as manifestações culturais de pequenas associações, assim como as obras de criação de artistas, merecem igualmente uma menção.

Thabo Mbeki

Presidente da República Sul-Africana
(Haiti, 1 de Janeiro de 2004)

"O Haiti foi a primeira República negra do mundo e o segundo país das Américas e das Caraíbas a conquistar a independência"... "Celebramos os nossos heróis africanos que, numa luta unificada pela libertação, fizeram-nos compreender que ninguém, a não ser nós mesmos, pode vencer aqueles que nos oprimem e nos tiranizam... A independência haitiana representa a derrota dos opressores"... "Hoje, estamos empenhados numa batalha histórica pela vitória do renascimento africano, porque inspiramo-nos na Revolução Haitiana".

MICHAEL OMOLEWA

Presidente da 32ª sessão da Conferência Geral da UNESCO, Representante permanente da Nigéria junto da UNESCO

"A história do tráfico negro e da escravidão faz parte da história universal e concerne a todos nós... Apesar de mais de dez milhões de negros, homens e mulheres de África e algures, terem sido objecto, há mais de 400 anos, de um comércio ignóbil, devemos permanecer lúcidos sobre o presente e olhar para o futuro".

Trechos do Colóquio Internacional sobre

"Os benefícios do trabalho de memória em relação à tragédia do tráfico negro e da escravidão"

(4-5 de Dezembro de 2004)

DR. CARLO STERLIN

Psiquiatra

"Como médico clínico, defronto-me com a dor e a doença mental. Uma alta percentagem dos meus pacientes é constituída de filhos de descendentes de escravos. Procurei investigar o vínculo existente entre o seu sofrimento e a escravidão. É legítimo reivindicar, mas percebemos também uma certa exigência no sentido de participar no grande festim ocidental. É o direito à diferença e à coexistência. Sentimos orgulho em ser descendentes de Toussaint Louverture, mas conservamos o modo de funcionamento dos agressores. Não levamos em conta o facto de que há uma continuidade entre o tráfico negro, a escravidão, a colonização, o neocolonialismo e todas as formas de abuso do poder ocidental... O trabalho da UNESCO é essencial, mas deve continuar a desalienar-se".

SYLVIA SERBIN

Jornalista, autora de *"Reines d'Afrique"*

"É extraordinário que a UNESCO tenha organizado um colóquio como este, pois parece haver, cada vez mais, por parte das jovens gerações, uma necessidade de ouvir falar deste passado que foi renegado... Já nos foi possível, assim, situar algumas referências. Graças ao carácter multicultural conferido ao colóquio pelos especialistas presentes, aprendemos coisas que não conhecíamos sobre outras regiões".

AISHA BILKHAIR KHALIFA

Coordenadora de estágio do
Colégio de Mulheres do Dubai

"Zanzibar era uma das principais rotas utilizadas pelos escravos deportados da África Oriental e da Abissínia (Etiópia) para os mercados do leste da Arábia, do Iraque e da Pérsia. A África Oriental foi, durante muitos anos, uma fonte de abastecimento de escravos para o mundo árabe".

HOWARD DODSON

Director do Schomburg Center
for Research in Black Culture, idealizador
da exposição Dever de memória: o triunfo
sobre a escravidão

"É grande a necessidade de estudar estes períodos nas escolas e de falar sobre eles nos meios de comunicação... Tenho o sentimento de que se não mantivermos na memória a escravidão, estaremos fadados ao fracasso... Se não compreendermos a importância e a gravidade deste período, não poderemos compreender a que somos actualmente..."

**DR. SHIHAN DE SILVA
JAYASURIYA**

Coordenador da TADIA
(The African Diaspora in Asia)

"A Rede Thalassic estuda a escravidão no Mar Vermelho e no Oceano Índico ao longo de vários séculos, pois em geral a atenção focaliza-se no tráfico transatlântico. Existem diferenças fundamentais entre estes tráficos... A procura de escravos proveniente da Ásia não era motivada apenas por razões económicas... O Sri Lanka ainda não assume a história da migração Africana. É pertinente questionar se os afro-cingaleses viveriam num mundo imaginário... Eles figuram entre as pequenas minorias étnicas".

**LIBIA GRUESO
CASTELBLANCO**

Especialista de processos de integração
de comunidades negras da Colômbia

"Nós, comunidades negras da Colômbia, sempre tivemos uma vida marcada pela resistência e continuamos, apesar de tudo, a conservar a nossa identidade étnica e cultural. Hoje, a situação coloca-nos diante de um dilema, em virtude da privação da posse territorial, da deslocação para sítios onde não dispomos de espaço para preservar a nossa cultura e onde as condições de vida são igualmente precárias. Conservamos, através das nossas tradições, uma relação harmoniosa com a natureza, com o mar, com os rios e com todos os outros elementos nela presentes como fonte de vida. É neste contexto que, como afro-colombianas da região do Pacífico, trabalhamos para o desenvolvimento das nossas culturas. É esta forma de relação que possibilitou, nas zonas rurais habitadas pelas comunidades negras, a preservação do meio ambiente. A natureza representa, para nós, um "ser social". Entre a comunidade e a selva estabeleceram-se relações regidas através de códigos, de mensagens, de ritmos, de símbolos e do tempo, elementos que fazem parte de uma visão cultural que não considera o homem como uma espécie dominante da natureza. É a isto que chamamos cormovisão – a coesão em torno das práticas da vida comum e colectiva".

PROF. LOUIS SALA-MOLINS

Filósofo, membro do Comité Científico
Internacional do projecto A Rota do Escravo

"No tráfico negreiro (digamos "nos tráficos negreiros", pois está na hora de evocar também os tráficos de carácter muçulmano e de lançar projectos de investigação também nestas áreas) e nas escravizações que os precederam, os acompanharam e deles resultaram, houve "crime contra a humanidade" (lei de Maio de 2001, Paris; conclusões de Setembro de 2001, Durban).

**PROF. JEAN-MICHEL
DEVEAU**

Historiador, membro do Comité Científico
Internacional do projecto A Rota do Escravo

"O tráfico e a escravidão que uniram o passado de três continentes começam a sair da sombra, e, como evidenciado pela densidade das intervenções deste colóquio, suscitam debates que cimentam a construção de uma história excepcionalmente frutuosa. Ora, esta história, longe de ser inocente, revolve todos os ingredientes de um drama em que milhões de homens e mulheres buscam as suas raízes e a sua identidade. A UNESCO, no âmbito do Comité Científico Internacional do projecto A Rota do Escravo e da rede de Escolas Associadas vem desenvolvendo, há cerca de uma década, imensos esforços para romper este silêncio. Um desafio em grande parte vitorioso, visto que nestes dois organismos, que todos os anos organizam colóquios e promovem iniciativas culturais, encontram-se investigadores e professores do mundo inteiro. A comunidade internacional, por outro lado, permanece discreta, como mostra a modesta repercussão obtida pela decisão da UNESCO de proclamar 2004 o ano de celebração desta tragédia".

Publicações

Cerca de vinte obras já foram publicadas, nomeadamente na colecção UNESCO intitulada "Memória dos Povos - A Rota do Escravo", cujo objetivo é de informar o público sobre os resultados das iniciativas da UNESCO e das suas parcerias, com vista à divulgação dos debates entre os especialistas sobre a questão do tráfico negreiro e das suas consequências.

Um grande número de obras foi publicado com o apoio institucional, moral e financeiro da UNESCO.

As suas referências podem ser consultadas no site do projecto e algumas dessas publicações são de livre acesso: www.unesco.org/culture/depot

A nova política de publicação prevê a colocação em linha de todos os trabalhos realizados no âmbito do projecto "A Rota do Escravo".



Como agir em conjunto?

O projecto *A Rota do Escravo* incentiva e apoia a implementação de programas e actividades que contribuam para a realização dos seus objetivos no mundo inteiro, através, por exemplo:

- da consecução do estudo "Rota do Escravo", como etapa no apoio do projecto e como iniciativa que contribua para a criação de alianças em nome da UNESCO (ver secção da internet);
- da promoção e da divulgação de actividades organizadas para a comemoração do dia 23 de Agosto, Dia Internacional em Memória do Tráfico Negreiro e do seu Abolimento, promovido no Calendário anual de actividades relativas a esta comemoração e a sua divulgação no site internet do projecto;
- da disponibilização de respostas técnicas sobre o tráfico de tráfico negreiro e do escravato, em função das suas disponibilidades;
- do aumento e da participação em grandes eventos programados sobre esta temática, no mundo inteiro;
- da implementação das reuniões do comité científico internacional em projetos e actividades a nível nacional, regional e internacional.



Para contactar-nos

Qualquer pessoa ou instituição que deseje participar nas actividades do projecto "A Rota do Escravo" pode contactar:

1. A Comissão Nacional para a UNESCO do seu país;
2. O escritório da UNESCO que cobre o seu país;
3. O Secretariado do projecto, no endereço abaixo.

UNESCO
Division des politiques culturelles et du dialogue interculturel
Institut de la Culture
1, rue Mialle
75731 PARIS CEDEX 13
França
Tel: (+33) 1 45 68 49 45
Fax: (+33) 1 45 68 37 31
E-mail: projeto@unesco.fr
Site: www.unesco.org/culture/depot



A Rota do Escravo

Reconciliar dever de memória e verdade histórica



Porque se empenha a UNESCO?

- Porque recebeu o mandato do constituinte para a criação "da defesa da paz na memória dos homens", através da cooperação internacional, nas áreas de competência, isto é, na educação, nas ciências, na cultura e na comunicação;
- Porque, como "instituição especializada do sistema das Nações Unidas, inscrita na UNESCO e criada para a salvaguarda da paz, a eliminação da pobreza, o desenvolvimento humano e o diálogo intercultural";
- Porque as intervenções mundiais do tráfico negreiro e do escravato tiveram a especificação sobre as culturas, a construção de novas identidades e histórias e diálogo e o pluralismo cultural.

Origens do projecto

- Este projecto é a concretização de uma longa reflexão sobre o dever de memória, com vista a corrigir o silêncio sobre esta das memórias originais da humanidade;
- Mediante proposta da França e do países afins, o Conferência Geral da UNESCO aprovou, aquando da sua vigésima sétima sessão, em 1993, a implementação do projecto "A Rota do Escravo" (Resolução 27/C.2.13);
- O projecto foi oficialmente lançado em 1994 em Ouidah, no Benim.

Quais são os objetivos do projecto?

Em cooperação com a comunidade internacional, a UNESCO contribui para:

- estabelecer a verdade histórica sobre esta tragédia;

- ensinar a história da memória;
- promover o pluralismo e o diálogo intercultural;
- fomentar a implementação da nova cultura da paz e coexistência social;
- estimular a construção de novas identidades e cidadanias através do tráfico negreiro e do escravato.



Os seus objetivos

- Romper o silêncio sobre a tragédia do tráfico negreiro e da escravatura nas diferentes regiões do mundo, promovendo um maior conhecimento sobre sua amplitude, as suas causas profundas, os seus objetivos e as suas modalidades de operação, através de trabalhos científicos pluridisciplinares;
- Revelar os efeitos do tráfico negreiro e da escravatura nas sociedades contemporâneas e principalmente as múltiplas transformações e heranças culturais que esta tragédia gerou;
- Contribuir para a compreensão teórica e a construção pacífica entre os povos, favorecendo naturalmente a reflexão sobre os processos hereditários da escravidão, o diálogo e o pluralismo cultural e a construção de novas cidadanias nas sociedades modernas.



-

-

As suas novas orientações

Uma nova estratégia foi definida para o projecto, com vista a entender as suas ações e determinantes regionais do mundo, países cobertos, e a desenvolver também as parcerias estratégicas, assegurando ao mesmo tempo as suas actividades sobre o ensino transdisciplinar.

- 1. Exatidão e novas zonas geográficas:**
 - Oceano Índico;
 - Mar do Arábico; Paquistão;
 - Índia e Bangladesh;
- 2. Desenvolvimento da investigação sobre os temas temáticos:**
 - Consequências psicológicas da seca extrema;
 - Transferência de conhecimentos e experiências da África para o resto do mundo;

— *Yema e jureque*
— *América Andina*
— *Luta contra as discriminações raciais e a inclusão*
destados com sua origem.

Comitê nacional

Estrutura do projecto

Comité Científico Internacional

Órgão consultivo parte da UNESCO que gerencia uma diversidade de projectos e coordenam sobre as orientações do projecto e a implementação das suas actividades. Coordenado por 20 membros, que representam as diferentes regiões do mundo e duas línguas científicas.

Secretariado do projecto

Realiza os projectos de vacinação (vacinas orais), e um Secretariado cujo encargo é da coordenação e da implementação do projecto. Também assegura o contacto com os membros do Comité Científico e das Comités Nacionais.

-

— *Yema e jureque*
— *América Andina*
— *Luta contra as discriminações raciais e a inclusão*
destados com sua origem.

Comitê nacional

- ## Estrutura do projecto
- Comité Científico Internacional*
- Órgão consultivo parte da UNESCO que gerencia uma diversidade de projectos e coordenam sobre as orientações do projecto e a implementação das suas actividades. Coordenado por 20 membros, que representam as diferentes regiões do mundo e duas línguas científicas.
- Secretariado do projecto*
- Realiza os projectos de vacinação (vacinas control, e as Secretariats) com o encargo da coordenação e da implementação do projecto. Também assegura o contacto com os membros do Comité Científico e das Comissões Nacionais.

Financiamento do projecto

O projecto é financiado:

- pelo orçamento regular da UNESCO;
- pelas fundações e/ou organizações privadas à disposição dos projectos pelos Estados membros da UNESCO;
- pelos parceiros públicos e privados (governamentais, fundações, etc.).

As suas realizações



1. Descrição do trabalho regulador e da estrutura da agência internacional	2. Desenvolvimento do conhecimento sobre a política comercial	3. Tercia dimensão da política comercial
4. Caracterização geral e desenvolvimento do conhecimento sobre "como a política comercial funciona" (política comercial mundial, política da OMC, política da Organização Mundial de Comércio, a Organização Mundial da Saúde, etc.)	5. Realização de estudos científicos e de métodos de investigação sobre as diferenças regionais	6. Metodologia, princípios gerais de investigação científica e sociais
7. Desenvolvimento da OMC de Agência comum (The International and Statistical Commission e a OMC)	8. Publicação de obras científicas e de documentos científicos em português e inglês	9. Investigação das bases teóricas, com vista ao desenvolvimento da teoria da economia
10. Desenvolvimento da OMC de Agência comum (The International and Statistical Commission e a OMC)	11. Investigação de política de investimento científico e tecnológico Lattes, Currículo, Mestrado, Pós- Mestrado, Pós-Doutorado, Bolsas de Estudo, etc.	12. Apoio a projetos de investigação de interesse de importância (Thematic etc.)
	13. Realização de Simposios, Seminários, Workshops, Conferências, etc.	

- | | | |
|--|--|--|
| <p>4. Problematização de temas de 2006 com o livro <i>Interculturalidade e Interculturalização</i> de Lúcia Kury e Tereza Infante e de uma Atividade para trabalhar o Interculturalismo da Biblioteca do Ministério da Educação, com o conteúdo de interculturalidade não especificado.</p> | <p>5. Elaboração de materiais didáticos e de subtemas (diversidade e Interculturalidade) para o livro <i>Interculturalidade: conceitos e práticas</i> da Biblioteca do Ministério da Educação, com o conteúdo de interculturalidade não especificado.</p> | <p>6. Elaboração de materiais didáticos e de subtemas (diversidade e Interculturalidade) para o livro <i>Interculturalidade: conceitos e práticas</i> da Biblioteca do Ministério da Educação, com o conteúdo de interculturalidade não especificado.</p> |
|--|--|--|

-

Actividades principais em curso

- Desenvolvimento de um "Atlas das Interações e do Diálogo Africano": cartografia global/internacional que resulte na presença africana no mundo através de diferentes temáticas (políticas, sociais, culturais e económicas, militares e transnacionais, religiosas e espiritualidades, ciência e tecnologia, etc.);
- Investigações sobre as consequências privilegiadas da escravatura, assim das dependências privilegiadas nas populações de ascendência africana e nos descendentes de escravos.



- Desenvolvimento da indústria mineira, através da promoção dos itinerários referentes aos lugares marcados pela mineração e pelo tráfico negreiro;
- Lançamento de estudos científicos nas regiões pouco exploradas (Oceano Índico, América Árabe, Ásia e Pacífico, bem como o Mundo Árabe-Muçulmano).



NÃO NOS ESQUEÇAMOS: O TRIUNFO SOBRE A ESCRAVIDÃO

Esta mostra celebra o catálogo *Not Now Exposed: A History sobre a Escravidão* lançado pelo Schomburg Center de Pesquisa em Cultura Negra, a Biblioteca Pública de Nova Iorque, em conjunto com o Projeto da Base Escravista da UNESCO para marcar a resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas ao proclamar o ano de 2004 como o Ano Internacional para comemorar a fuga da Escravidão e a Abolição. O desenvolvimento do catálogo original *Not Now Exposed: A History sobre a Escravidão* e o livro *Trabalho na escravidão: África. The Emergence of African-American Culture* (debido a desaparecimento da Cultura Afro-Americana), publicado pela National Geographic, receberam o apoio parcial do fundo da Carl and Lily Thawelstein Foundation.

União do Catálogo Original/Brasil:
Organizado por: Inês de Sá, Dora de Sá, Dora de Sá e Dora de Sá
Eduardo Carlos de Sá e Dora de Sá

Organizado pelo Schomburg Center de Pesquisa em Cultura Negra e a UNESCO
The First Step Project (Brasil)
Mostra itinerante para o Brasil e o mundo



O Projeto da Base Escravista, UNESCO



THE SCHOMBURG CENTER FOR RESEARCH IN BLACK CULTURE
1000 5th Avenue, 10th Floor, New York, NY 10022-3121
Tel: (212) 512-2000 Fax: (212) 512-2001

PARA MARCAR O ANO INTERNACIONAL DE COMEMORAÇÃO DA LUTA CONTRA A ESCRAVIDÃO E A SUA ABOLIÇÃO,
O PROJETO DA BASE ESCRAVISTA E O SCHOMBURG CENTER DE PESQUISA EM CULTURA NEGRA APRESENTAM A EXPOSIÇÃO ITINERANTE

NÃO NOS ESQUEÇAMOS

O TRIUNFO SOBRE A ESCRAVIDÃO

